



CONHECIMENTO III - CRISTOLOGIA II

JESUS NA ETERNIDADE, COM O PAI, ANTES DA FUNDAÇÃO DO MUNDO

ESTUDO 803

*“E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo,
com aquela glória que tinha contigo, antes que o mundo existisse.”*

João 17:5

Estudo: 26 de março de 2026 (pr. Herlon DaCruz)

Igreja: 06 a 10 de abril de 2026 (pr. Silmo Moura – na Sede)

INTRODUÇÃO

Lidar com a expressão - “*Jesus antes da fundação do mundo*” - implica considerar uma discussão muito mais profunda sobre a *Revelação Cristã*. Para compreender essa dimensão, as Escrituras nos guiam de volta à Eternidade, antes do tempo e da criação. É assim que, por exemplo, em João 17:5, Jesus afirma que foi Ele quem recebeu glória com o Pai muito antes de o mundo existir, enfatizando sua préexistência, Eternidade e divindade. Portanto, Cristo não começou na encarnação; Cristo não começou na história; Ele, por ser eterno, entrou na história por meio da encarnação. Essa realidade distingue o cristianismo de todas as demais religiões.

Ao confessarmos que Cristo existiu antes da nossa criação, confirmando que o amor de Deus precede o pecado e que o Plano de Salvação prefigura a Queda, estamos confirmando que o amor de Deus precede o pecado e que este Plano já estava estabelecido antes da Queda.

De fato, essa doutrina foi historicamente articulada pela Igreja, em particular por *Atanásio de Alexandria*, que sustenta que o Filho é “*gerado, não criado*”, e que o Filho é consubstancial com o Pai. No entanto, vale a pena considerar que, na tradição do Arminianismo, representada por *Jacobus Arminius* e articulada por *John Wesley*, a Eternidade de Cristo sustenta tudo o que é oferecido de graça e a natureza central da eleição. Assim, a história e a tradição teológica apoiam essa visão pastoral e espiritualmente, a contemplação de Cristo antes da criação do mundo reforça a fé da Igreja.

Portanto, não seria exagero dizer que o propósito eterno de Cristo não é contingente ao temporal nem às circunstâncias temporais, mas ao plano eterno do Deus trino. É importante entender que, mesmo antes da existência dos anjos ou das galáxias, havia a perfeita comunhão entre o Pai e o Filho. Assim, conhecer essa verdade acrescenta à adoração, fortalece a confiança e faz com que a crença e a esperança não sejam abaladas.

A PREEEXISTÊNCIA ETERNA DO FILHO

O *Logos* Eterno

João 1:1–3

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que foi feito se fez.



Pelo texto de João 1:1–3, confirma-se que ele constitui um dos fundamentos mais sólidos da doutrina da pré-existência de Jesus Cristo.

Portanto, o apóstolo João reafirma três verdades básicas sobre o *Logos*.

João 1:1

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

João, o Evangelista, utiliza o termo *Logos* para expressar essa realidade em linguagem compreensível ao mundo helenístico. No mundo helenístico, porém, *Logos* representa a razão divina que torna o Universo compreensível e ordenado, governa tudo e pode ser percebida, ainda que apenas em parte, pela razão humana. Sabemos que o termo *helenístico* vem da palavra “*helenismo, que se refere à cultura e aos costumes gregos, que se espalharam pelo mundo antigo, após as conquistas de Alexandre, o Grande.*” Na Bíblia, especialmente no Novo Testamento, faz-se referência aos judeus helenistas. (Atos 6:1). Em outras palavras, helenistas foram os judeus que falavam grego e estavam influenciados pela cultura grega, geralmente vivendo fora de Israel.

O versículo 1 estabelece três afirmações básicas:

1. **Eternidade** – (“*O Verbo era*”) – descreve a existência eterna no passado. Enquanto tudo o mais foi criado, o Verbo “*era*” indica a existência contínua e eterna, mostrando que o *Logos* jamais teve início no tempo. O que significa que Jesus Cristo não teve começo, não foi criado e que sua existência antecede o tempo, conforme registrado em João 17:5.
2. **Distinção pessoal** - (“*o Verbo estava com Deus*”) - indica uma relação íntima e pessoal. Não é uma força impessoal nem um atributo de Deus, mas uma Pessoa única em comunhão eterna com o Pai. Aqui está o fundamento da *Doutrina Trinitária*, a unidade de essência e a distinção de pessoas.
3. **Natureza divina** - (“*e o Verbo era Deus.*”) - O apóstolo João **não** afirma que o Verbo era “*um deus*” ou “*como Deus*”, mas afirma que era totalmente divino. A imagem divina do Pai está inescapavelmente ligada ao *Logos*. E o versículo 3 diz: “*Por meio dele todas as coisas foram criadas.*” Tudo o que veio a existir por meio dele deve pertencer a Ele. Ele é Criador, não criatura.

No *Arminianismo Clássico*, F. Leroy Forlines, um professor e teólogo americano, argumenta que a dimensão eterna do Filho é necessária para sustentar a suficiência infinita da expiação. Que a redenção universal poderia ser concedida por um Redentor eterno, sozinho, e poderia oferecer uma redenção universal.

A CONSCIÊNCIA ETERNA DE CRISTO

João 17:5

E agora, Pai, glorifica-me em tua presença com a glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse.

Por meio deste texto, aprendemos que Jesus conhecia plenamente sua préexistência. Através dessa lente, vemos três verdades profundas:



1. **A consciência pessoal da pré-existência:** o Senhor Cristo afirma que Ele tinha uma glória no Pai. Não é linguagem simbólica. É memória relacional. Ele diz que não estava no plano de Deus, mas que estava em glória com o Pai.
2. **A diferença entre as pessoas na Trindade:** Ele disse "*contigo*", por exemplo, o que demonstra comunhão eterna. Pois a relação entre Pai e Filho existia antes da Criação. Isso fortalece o prólogo de João, que afirma: "*O Verbo estava com Deus.*" Participação na glória divina; no Antigo Testamento, Deus disse que não compartilha a glória (Isaías 42:8). Se Jesus tinha essa glória antes do mundo, ele não é uma criatura; Ele é de natureza divina.
3. **Outra declaração decisiva vem de João 8:58:** "*Antes que Abraão existisse, EU SOU.*" Jesus assume o título divino para Si mesmo ao usar o nome revelado em Êxodo 3:14. Ele não diz "*Eu era*", mas "*EU SOU*", uma expressão de Eternidade absoluta. Assim, o contexto hebraico emprega o nome divino, YHWH.

Esta declaração fornece uma visão sobre por que os líderes judeus tentaram apedrejá-lo e por que compreenderam que ele reivindicava igualdade com Deus ao dizer "*EU SOU*". A cristologia bíblica não verá Jesus reduzido a um profeta ou a um mestre moral. Ele é o eterno *EU SOU*.

A COMUNHÃO ETERNA, E O AMOR ENTRE O PAI E O FILHO

A doutrina da preexistência do Filho revela não apenas sua Eternidade ontológica, mas também a natureza relacional da Eternidade divina. Antes da criação do mundo, havia uma comunhão perfeita entre o Pai e o Filho. A Eternidade não era definida pela separação, mas pela conexão; não pelo silêncio, mas pelo amor ativo, deliberado e mútuo.

AMOR ANTES DA CRIAÇÃO

No Evangelho de João 17:24, Jesus dá ao Pai o presente de: "*...porque me amaste antes da fundação do mundo.*" Mas, além do tempo em que a criação ocorreu, esta declaração nos desafia. Toda a criação (ou seja, anjos, humanidade, qualquer criatura) não existia antes do mundo. O amor precede toda a criação e está em casa na própria natureza do divino. A existência amorosa do Filho mostra que Deus é sempre relacional. O Pai ama o Filho por toda a Eternidade. E assim, a criação não é uma questão de ausência, mas de plenitude. Deus não criou por necessidade, mas sim criou a partir do transbordamento de amor que já existia na comunhão trinitária.

A INTIMIDADE PERMANENTE, ENTRE O PAI E O FILHO

João 5:20

Pois o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que faz.

Como *Matthew Henry* aponta no *Comentário Bíblico do Novo Testamento*, João 5:20 não deve ser lido como evidência da própria inferioridade do Filho, mas como evidência de sua igualdade radical com o grande Pai.



Ele diz que o amor do Pai pelo Filho é eterno e contínuo, e não transitório, dependente de circunstâncias. O Pai revela suas obras ao Filho não por compulsão de instrução, mas por meio da perfeita comunhão de intenção e unidade de ação.

Segundo *Henry*, essa "revelação" não é um sinal de que o Filho precisa de uma lição (aprendizado) ou de uma transformação; ao contrário, o Filho compartilha a mesma natureza divina e o mesmo propósito eterno do Pai. Jesus, ao dizer: "*O Pai ama o Filho e mostra ao Filho tudo o que faz...*" (Jo 5:20), significa que a relação entre Pai e Filho é de absoluta transparência e cooperação.

O Filho, da mesma essência divina, está totalmente envolvido nas obras do Pai. Mas isso se desdobra em uma unidade essencial, sem vontades ou agendas conflitantes. Como *Henry* coloca: "*O Filho participa das obras do Pai porque Ele participa do próprio ser Divino. Não é uma disputa de vontades ou conflito, mas de parceria; não uma distinção, mas harmonia.*" Isso significa que Ele faz aquelas obras que são produzidas *em, e por meio* do Pai: curar, dar vida, julgar, não por ação autônoma, mas porque *Ele*, como o Pai de todas as coisas, age nessa unidade perfeita.

Essas atividades são expressões concretas da comunhão eterna que *Ele* tem com o *Pai*. Então, em vez de Cristo agir separadamente, sua obra é uma manifestação da atividade divina do Pai, expondo não apenas a autoridade divina, mas também a natureza divina que Cristo compartilha com o Pai.

CRISTO COMO CRIADOR E SUSTENTADOR

Que papel Ele desempenhou antes de o mundo existir?

O pastor *Walter Brunelli*, em *Teologia para Pentecostais*, Vol. 2, trata em detalhe da pessoa de Jesus Cristo na teologia sistemática pentecostal. Nesse sentido, ele aborda o tema de Cristo como Criador e Sustentador.

Colossenses 1:16–17

Pois nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos ou domínios ou principados ou potestades. Todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é, antes de todas as coisas, e nele todas as coisas subsistem.

Brunelli sustenta que Jesus Cristo não é uma criatura que pode nascer, mas tem vida eterna, como a *segunda* Pessoa da Trindade, eterna com o Pai e o Espírito Santo, sem começo nem fim. Esta definição é compatível com a Cristologia clássica que reconhece Jesus como o Verbo preexistente, como descrito em Colossenses 1:16-17:

- Tudo foi feito por meio Dele.
- Ele criou todas as coisas para Ele.
- Ele é, antes de tudo, o primeiro que existe.
- Nele, tudo é mantido unido.

A carta aos Hebreus afirma que o Universo foi feito por Deus por meio do Filho e que Ele sustenta todas as coisas pela *Palavra do Seu Poder*. A identidade eterna do Filho é mencionada e sua obra de redenção é exposta em alguns dos versículos:



Hebreus 1:2-3

... a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, por quem também fez o mundo. Sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, quando ele mesmo purificou nossos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas.

João 5:19

Em verdade, em verdade vos digo: o Filho não pode fazer nada por si mesmo; ele faz apenas o que vê o Pai fazer. Tudo o que o Pai faz, o Filho o faz igualmente.

Isso significa que as obras realizadas por Cristo, como curar, dar vida e julgar, não são fruto de uma ação autônoma, mas da perfeita unidade que ele compartilha com o Pai. Essas ações são uma expressão visível da comunhão eterna entre eles. Em vez de Cristo atuar de forma independente, sua obra é uma extensão direta da ação divina do Pai, demonstrando que ele compartilha não apenas a autoridade divina, mas também a natureza divina.

CRISTO NO CONSELHO ETERNO DA REDENÇÃO

A obra redentora de Cristo “*não é um acidente histórico, mas parte de um plano eterno pré-estabelecido por Deus antes da fundação do mundo.*” As Escrituras nos ensinam que o sacrifício de Cristo não foi uma queda, mas, na verdade, um plano soberano de Deus para a salvação de todos os que nele creram. Este plano retrata o comando de Deus sobre toda a história, desde a Eternidade até a consumação final do mundo.

Efésios 1:4-5

Assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor, e nos destinou para a adoção como filhos por meio de Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade.

Este versículo de Efésios 1:4–5 transmite a vontade soberana de Deus antes da fundação do mundo.

Deus, em seu conselho eterno, destinou os crentes a serem filhos adotivos em Cristo. A redenção em Cristo foi um componente de um plano ordenado por Deus, desenvolvido “*antes da fundação do mundo.*” *Matthew Henry* escreve em seu *Comentário Bíblico do Novo Testamento* que esta predestinação mostra a soberania de Deus: a maneira como Deus não reage nem faz algo por acaso, mas é orientado por propósito, com a vontade eterna e indivisível de Deus.

I Pedro 1:19–20

Mas ao precioso sangue de Cristo, que certamente foi conhecido antes da fundação do mundo, mas foi manifestado nestes últimos tempos por amor de vós, um cordeiro sem defeito e sem mancha.

A referência à glória de Deus em Cristo, o “*Cordeiro sem defeito e sem mancha*”, que foi “*conhecido antes da fundação do mundo*”, mostra que, desde a Eternidade, foi antecipado para salvar a humanidade pelas mãos e pelos pés de Jesus.

Henry interpreta isso como prova de que a obra redentora de Jesus, incluindo sua crucificação, não foi um *design* emergente, mas sim parte do plano eterno de Deus.



Apocalipse 13:8

E todos os que habitam na terra adorarão a besta, aqueles cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo.

Aqui a obra redentora de Cristo é apresentada como pertencente ao propósito eterno de Deus, estabelecido antes da fundação do mundo. O Cordeiro que foi “morto” evoca a obra redentora de Cristo, pré-ordenada no conselho eterno de Deus. A morte de Cristo é a culminação do plano de salvação, predeterminada na Eternidade e não uma simples resposta aos acontecimentos humanos. Matthew Henry enfatiza que essa verdade não pode ser ignorada: *Cristo foi designado como Redentor antes mesmo da criação*, o que revela que a cruz faz parte do decreto de Deus.

II Timóteo 1:9

Quem nos salvou, quem nos chamou com uma santa vocação, não segundo as nossas obras, mas segundo o seu propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos.

Este versículo diz ainda que a nossa salvação vem de um propósito eterno e de graça que nos foi dada “em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos.” Isso não é um trabalho, nenhuma obra humana, e sim um propósito eterno dado por Deus. Isso reafirma que a redenção não é algo improvisado, mas sim parte do conselho soberano de Deus.

A GLÓRIA ETERNA DE CRISTO REVELADA NA CRIAÇÃO

Walter Brunelli e Matthew Henry insistem que Jesus Cristo é eterno, no sentido mais verdadeiro: divindade, o agente ativo da criação, o poder sustentador do universo, o caráter revelador santo do Pai e a função última de tudo. Esta convergência mostra a supremacia de Cristo na criação, não como uma construção separada de uma tradição teológica, mas como um testemunho claro dado pela Igreja ao longo dos séculos.

Quando dizemos que “*todas as coisas foram feitas por meio dele*” (Jo 1:3), percebemos que Cristo não foi feito para a criação, mas sim o próprio fundamento dela. Ele não começa na história; ele existe antes dela e é o fundamento da própria história. A criação não o explica, mas ele explica a criação.

O Livro de Hebreus leva essa perspectiva um passo adiante e afirma que *Ele sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder*. Isso quer dizer que o universo não apenas começou a partir dele, mas também existe até hoje por causa dele. Da mesma forma, Colossenses reafirma que *todas as coisas foram criadas por meio dele e para ele*. Cristo é, portanto, tanto a origem de tudo quanto o propósito final de toda a existência.

Este entendimento transforma profundamente a visão do ministério cristão. Não basta anunciar apenas o Cristo histórico que viveu na Palestina do primeiro século, nem reduzir a mensagem ao Cristo que morreu na cruz. O Cristo que proclamamos é o Cristo eterno: Criador e Sustentador do cosmos, aquele em quem todas as coisas subsistem e para quem todas convergem. Ele é, antes de tudo, o propósito final de toda a existência. Portanto, a pregação cristã não é apenas a narrativa de fatos passados, mas também a proclamação de uma verdade eterna: Cristo é o centro da criação, da história e da redenção.



Primeiramente, a glória eterna de Cristo na criação nos aproxima cada vez mais. Se ele é o sustentador de todas as coisas, adoração não é apenas um ato religioso, mas uma resposta à realidade de que Cristo sustenta todas as coisas pelo poder de sua Palavra, e é uma função dele ser e estar no mundo.

Em segundo lugar, esse conhecimento transforma a pregação, pois ela deve abraçar a centralidade cósmica de Cristo. Em vez disso, a mensagem da igreja não é antropocêntrica, mas sim cristocêntrica.

Em terceiro lugar, desafia a vida ministerial, pois se há um tudo para Cristo, o ministério não é um ato do indivíduo, mas um envolvimento na missão eterna do Filho. A glória eterna de Cristo na criação não é apenas uma doutrina que deve ser confirmada intelectualmente - é uma forma de ser, um estilo de liderança e uma missão cristã. Essa verdade nos chama a suplicar humildemente ao Criador, a confiar no Sustentador e a ser fiel ao Senhor da História.

Cristo não faz parte do plano de redenção - ele é o coração da criação, da história e da consumação. E é tarefa da prática pastoral e gerencial direcionar os obreiros de Deus a pensar sobre essa glória, a professar essa atitude com convicção e a viver plenamente a partir dela.

CONCLUSÃO

Jesus não começou na manjedoura. Antes da criação do mundo, ele já compartilhava com o Pai a mesma glória, o mesmo amor e a mesma natureza divina. Ele existe para sempre como Criador e Sustentador de tudo o que é. Não houve um plano de redenção improvisado. Havia um propósito eterno em Cristo antes do pecado. Ou seja, nossa salvação é uma questão da Eternidade de Deus, não da situação humana.

A verdade é, portanto, direta e simples: Cristo é o centro de tudo, de toda a criação, da redenção e de toda a história, pois ele é eterno, e tudo foi feito por meio dele e para ele, e, assim, nossas vidas devem ser para ele também. *"Não há competição, mas cooperação; não há separação, mas perfeita harmonia."* Ou seja, o trabalho que Cristo faz, por exemplo, curar, dar vida, julgar, não é feito por meio de exercício autônomo, mas sim por meio da perfeita união que ele tem com o Pai.

O trabalho de cada um manifesta-se na sua interação visível. Cristo não age de forma independente. Ele é uma extensão direta da ação divina do Pai, o que demonstra que ele não é apenas divino em autoridade, mas divino em sua própria natureza. Como se diz numa frase clássica da cristologia histórica: *"O Filho não é posterior ao Pai no tempo, mas eternamente gerado por ele, compartilhando da mesma essência divina."*

Pr. Herlon DaCruz
ADBelém - Christchurch, NZ

Março de 2026



BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA. Almeida Revista e Atualizada.

BÍBLIA SAGRADA. Almeida Revista e Corrigida.

Athanasius of Alexandria. On the Incarnation. Yonkers, NY: St Vladimir's Seminary Press, 2011.

Jacobus Arminius. The Works of James Arminius. Grand Rapids: Baker Book House, 1986.

John Wesley. Sermões. São Paulo: Imprensa Metodista, várias edições.

F. Leroy Forlines. Classical Arminianism: A Theology of Salvation. Nashville: Randall House, 2011.

Walter Brunelli. Teologia para Pentecostais – Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

Matthew Henry. Comentário Bíblico do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, várias edições.

Millard J. Erickson. Teologia Sistemática. São Paulo: Vida Nova, 2015.

Wayne Grudem. Teologia Sistemática. São Paulo: Vida Nova, 2012.

Donald Bloesch. Jesus Christ: Savior & Lord. Downers Grove: IVP Academic, 1997.

Thomas C. Oden. The Word of Life: Systematic Theology, Vol. 2. Peabody: Hendrickson, 2001.



ESBOÇO – CRISTOLOGIA II: JESUS NA ETERNIDADE

1. Introdução

- Jesus existia antes da criação do mundo (João 17:5).
- Sua existência é eterna, não começou na encarnação.
- O plano de salvação já existia antes do pecado.
- A fé cristã afirma Cristo como eterno e divino.

2. A Preexistência Eterna do Filho

João 1:1–3

- **Eternidade:** o Verbo sempre existiu.
- **Distinção pessoal:** o Filho está com o Pai.
- **Divindade:** o Verbo é Deus.
- Cristo é Criador, não criatura.

3. A Consciência Eterna de Cristo

João 17:5; João 8:58

- Jesus tinha consciência de sua glória eterna.
- Relação eterna entre Pai e Filho.
- “EU SOU” afirma sua divindade.

4. Comunhão e Amor Eterno

- Amor entre Pai e Filho antes da criação (João 17:24).
- Deus cria por amor, não por necessidade.
- Relação perfeita, contínua e harmoniosa (João 5:20).

5. Cristo como Criador e Sustentador

Colossenses 1:16–17; Hebreus 1:2–3

- Tudo foi criado por meio dele e para ele.
- Ele sustenta o universo.
- Suas obras refletem unidade com o Pai.

6. Cristo no Plano Eterno da Redenção

- A redenção foi planejada antes da criação.
- **Efésios 1:4–5:** eleição em Cristo.
- **1 Pedro 1:20 / Apocalipse 13:8:** Cristo já designado como Redentor.
- Salvação é fruto do propósito eterno de Deus.

7. A Glória Eterna de Cristo

- Cristo é o centro da criação, história e redenção.
- Sustenta todas as coisas.
- Implicações:
 - Adoração verdadeira.
 - Pregação cristocêntrica.
 - Vida e ministério centrados em Cristo.

8. Conclusão

- Jesus é eterno, não começou na manjedoura.
- Compartilha da mesma essência do Pai.
- O plano de salvação é eterno.
- Cristo é o centro de tudo — criação, redenção e história.